



Resultado de Pesquisa

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
FEMININA NA REVISTA *O CRUZEIRO*, DE
1946

**Elani Cristina da Silva Campos (Universidade Federal do
Norte do Tocantins, elani.campos@mail.uft.edu.br)**
**Dr. Carlos Borges Júnior (Universidade Federal do Norte do
Tocantins, borges-junior@hotmail.com)**

I. Apresentação e Justificativa

Este projeto de pesquisa tem como objeto de estudo a construção da identidade feminina nas edições de 1946 da revista *O Cruzeiro*. Toma-se como base teórica os estudos dos gêneros do discurso propostos por Mikhail Bakhtin (2006), articulados à abordagem de Stuart Hall (2006) sobre os processos de construção da identidade cultural. Os estudos dos gêneros do discurso, propostos por Bakhtin, ajudam a identificar os padrões textuais e as convenções linguísticas específicas usadas na revista, permitindo uma compreensão mais profunda de como a identidade feminina foi construída e representada em diferentes contextos, sentidos e discursos publicados na revista. Já a perspectiva de Stuart Hall ancora o estudo ao oferecer um enfoque contemporâneo para analisar a construção da identidade feminina em relação à cultura da época. Assim, é possível examinar como os discursos presentes na revista contribuíam para a formação da identidade cultural das mulheres na sociedade brasileira da época, incluindo como essas identidades foram sendo moldadas, contestadas ou transformadas ao longo do tempo.

A linguagem de *O Cruzeiro* exerceu grande influência na sociedade brasileira nos idos de 1946. A revista trazia informações, ideias, opiniões e entretenimento para os leitores. A escolha cuidadosa de palavras, a construção das frases e o estilo de escrita eram elementos-chave que determinavam como a mensagem era endereçada ao público. Além disso, a revista frequentemente utilizava narrativas para contar histórias, reportar eventos e retratar a vida cotidiana. A forma como essas narrativas eram construídas, incluindo elementos literários e retóricos, influenciava profundamente como os leitores percebiam e se relacionavam com as histórias apresentadas.

Para Bakhtin (2006), a linguagem é considerada uma forma de interação entre indivíduos e não apenas como “um sistema fechado, mas [como] um fenômeno social, histórico e dinâmico, que acontece e se renova na interação entre pessoas e carrega valores e acentos dos seres sociais em situações reais” (SILVA, 2011, p. 80). Ou seja, as questões de linguagem devem ser concebidas nas relações entre sujeitos e o contexto em que a língua é utilizada, pois ela é tida como um fenômeno que refrata sentidos históricos, culturais, sociais, econômicos, entre outros. Por essa razão, a língua(gem) materializa modos de representar os sujeitos, de concebê-los em determinada sociedade, implicando em diferentes perspectivas, sobretudo quando consideradas relações de tempo e espaço.

O enunciado é o modo como a língua, enquanto sistema virtual, se atualiza em discurso, isto é, o modo como os sujeitos se valem da língua em suas práticas sociodiscursivas e, a partir delas, constroem suas concepções de mundo, seus sistemas

de referências acerca das pessoas e das coisas. Tais enunciados são atravessados por outros enunciados, com os quais dialogam (questionando e respondendo) e dos quais se valem, quer seja retomando por afirmação ou negação, quer seja para modificar a forma de compreender um acontecimento social. A essa natureza dialógica da linguagem, Bakhtin (2006) relacionou o sentido de discurso polifônico, entendendo a polifonia como o que marca a presença de outros enunciados/discursos, historicamente retomados, fixados na cultura, com os quais se estabelecem relações polêmicas e/ou contratuais de diversas ordens. É nesse sentido que se explica a máxima bakhtiniana de que “todo signo é ideológico”, logo, capaz de acionar marcas históricas, sociais e culturais, articuladas a partir de outros discursos com os quais dialogam. Tal compreensão pode ser associada às discussões sobre os processos de construções identitárias propostas por Stuart Hall (2006), nos quais a linguagem se constitui um modo de formar referências sobre a identidade dos sujeitos, muitas vezes a partir de estereótipos, relações assimétricas, preconceitos, machismos etc.

A discussão em torno das identidades faz parte de um processo também discursivo, em que a linguagem é acionada para dizer algo sobre si e também sobre o outro e esse movimento acaba construindo sentidos que consolidam referências. É possível pensar, portanto, em identidades sociais demarcadas, sobretudo em relação às construções sociais sobre o homem e a mulher. Esta, por sua vez, foi construída historicamente a partir da voz predominantemente masculina, que por muito tempo, e, ainda hoje em dia, a perfila como “do lar, submissa, recatada”, ao contrário dos estudos feministas, que tomam a mulher como “sujeita de sua história, independente, insubmissa”. A linguagem enquanto produto histórico, materializada em textos antigos, ajuda a compreender como os registros linguísticos construíram identidades femininas nocivas/prejudiciais à mulher, principalmente porque elas assumiam o lugar de serem discursivizadas por outros, ao invés de tomar a palavra para construir imagens, logo, identidades de si no discurso. Nesse sentido, verificar como a mulher é representada nas páginas de um meio de comunicação requintado como é o caso das revistas antigas – objeto caro e de luxo, escrita mormente por homens, permite compreender certos motivos de algumas construções identitárias estarem associadas às mulheres. Entender esses eventos de linguagem, para questioná-los em seus enunciados, faz-se um movimento importante no processo de reconstrução discursiva. Por questões como essas, a pesquisa em tela resulta relevante ao trazer à tona a análise de gêneros do discurso do campo jornalístico-midiático, sua articulação histórica, política e social.

As discussões apresentadas neste trabalho ocorrem no campo da Linguística, com foco nos estudos dos gêneros do discurso (revista), analisando reportagens produzidas e publicadas em *O Cruzeiro*. Com base nos resultados, pode-se dizer que essas referências socio-históricas do feminino (relativas à imagem da mulher) foram fundamentais para a construção de sua identidade cultural, inclusive no sentido de organizar e reorganizar os processos de lutas sociais em torno da representação social do feminino, desigualdade de gênero, preconceitos etc. A relação entre linguagem e sociedade orientou os sentidos deste estudo, estabelecendo vínculos entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão em torno da temática estudada.

II. Objetivos

Esta investigação objetiva **[geral]** *analisar práticas de linguagem que constroem identidades femininas na revista O Cruzeiro, do final da década de 1940 e início de 1950*. E, aliado a essa incursão, busca-se, de modo pontual **[objetivos específicos]**: 1. *Relacionar processos de construção da identidade feminina a processos históricos, culturais e sociais, mediante estudo da linguagem*; 2. *Mapear identidades femininas construídas pelos textos publicados nas revistas O Cruzeiro*; 3. *Identificar a relação que o gênero estabelece com o modo de pensar de sua época, isto é, com os discursos veiculados pelas edições das revistas no espaço social/esfera pública da época (relações sociodiscursivas)*; e, 4. *Problematizar o modo de apreensão e consumo das construções identitárias relacionadas à mulher e sua relação na produção de sentidos*.

III. Metodologia

A metodologia da pesquisa é constituída por fundamentos da **pesquisa bibliográfica** e da **análise linguística**, seguindo várias etapas no intuito de identificar as identidades femininas na revista *O Cruzeiro*, de 1946. Primeiramente, realizou-se a leitura e a análise de textos teóricos relevantes, consolidando a base sólida de fundamentação, sendo relevante para compreender as estruturas sociais e culturais da época e desenvolver um arcabouço conceitual de análise. Em seguida, a **análise linguística** permitiu a seleção cuidadosa dos textos e dos *corpus* representativos acerca das identidades femininas nas reportagens da época, de modo que o estudo permitiu analisar os padrões linguísticos, as metáforas, os estereótipos e outros elementos linguísticos que contribuíram para a construção das identidades femininas na revista, bem como construir **categorias analíticas** que ajudaram a mapear as diferentes representações das identidades femininas.

IV. Resultados

Diferentemente da concepção apresentada pelo estruturalismo saussuriano e, em consonância com a teoria de que a língua é um fenômeno social, Bakhtin e seu Circulo dedicaram-se à exploração da multiplicidade de manifestações da linguagem. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), concebe-se a linguagem não apenas como mera expressão individual, mas sim como um meio de interação fundamental entre os indivíduos, isto é, “um fenômeno social, histórico e dinâmico que ocorre e se renova na interação entre pessoas, carregando consigo valores e nuances dos seres sociais em situações reais” (SILVA, 2011, p. 80). Em outras palavras, as questões linguísticas devem ser concebidas no contexto das relações entre sujeitos e no ambiente em que a língua é utilizada, pois esta é considerada um fenômeno sociointerativo.

Um dos principais conceitos que Bakhtin e Volochinov (2006) sustentam é o de dialogismo. Para eles “a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso” (BAKHTIN *apud* FIORIN, 2006, p. 18). A linguagem funciona como um fator social, ela é um produto social, só existe na interação entre os sujeitos, “o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN *apud* FIORIN, 2006, p. 18). A língua na vertente bakhtiniana reflete e refrata situações reais e interativas dos falantes, gerando assim, sentidos no meio sociocomunicativo.

O enunciado, portanto, é o modo como a língua, enquanto sistema virtual, se atualiza em discurso, isto é, o modo como os sujeitos se valem da língua em suas práticas sociocomunicativas para agir no mundo. Tais enunciados são atravessados por outros enunciados, com os quais dialogam (questionando e respondendo) e dos quais se vale, quer seja retomando por afirmação ou negação, tornando-se polifônicos. A polifonia é o que marca a presença de outros enunciados/discursos, historicamente retomados, fixados na cultura, com os quais estabelece relações polêmicas e/ou contratuais. É nesse sentido que se explica a máxima bakhtiniana de que “todo signo é ideológico”, isto é, traz em si marcas históricas, sociais e culturais, selecionadas dentre uma ampla gama de discursos outros, sendo, portanto, a retomada ou não de determinados discursos, transpassada por intencionalidades e interesses, e é sobre essa perspectiva que a revista *O Cruzeiro* é compreendida enquanto enunciado social, pois “cada enunciado é individual”, o que nos leva a entender que este é único e que não pode ser repetido por outro falante, apenas citado, já que determinado enunciado foi proferido em um certo contexto de interação social, tornando peculiar e particular a um evento e tempo no mundo.

As revistas, como um gênero específico da mídia impressa, têm ocupado uma posição de destaque na comunicação de massas desde o seu surgimento. Como veículo de informação e entretenimento, elas desempenham não apenas um papel relevante na construção da cultura e na representação da sociedade, mas também moldam e direcionam o pensamento e o comportamento de seus leitores. Neste contexto, explorar o gênero discursivo revista é essencial para entender como a mídia impressa tem tido um impacto significativo na comunicação, na cultura popular e na construção da identidade ao longo da história, compreendendo a função das revistas como reflexos da própria sociedade.

As primeiras revistas, surgidas nos séculos XVII e XVIII na Europa, eram frequentemente literárias e científicas, refletindo o interesse intelectual da época. À medida que as sociedades passaram por transformações políticas, industriais e culturais, as revistas acompanharam essas mudanças, diversificando seus conteúdos e se tornando mais acessíveis a diferentes estratos sociais. No século XIX, as revistas desempenharam um papel crucial na disseminação de ideias políticas e culturais, contribuindo para a formação de opiniões públicas e identidades nacionais. No Brasil, por exemplo, as revistas ilustradas tiveram um papel fundamental na divulgação das discussões sobre a abolição da escravidão e a Proclamação da República. Com o avanço da tecnologia de impressão e a expansão da indústria editorial, as revistas se tornaram mais acessíveis e populares no século XX. Elas passaram a abordar uma ampla gama de tópicos, desde moda e entretenimento até política e ciência. As revistas femininas, por exemplo, tiveram uma importância significativa na construção da imagem da mulher moderna, refletindo e influenciando as mudanças nas atitudes de gênero. As revistas frequentemente funcionam como espelhos das preocupações e interesses de uma sociedade em um determinado momento.

Além disso, as estratégias editoriais têm desempenhado uma função fundamental na construção da identidade das revistas. A escolha de capas marcantes, títulos instigantes e *layout* atraente são elementos que contribuem para a imagem e a influência de uma revista. Elas podem introduzir leitores a novas perspectivas e estilos de vida, promovendo a diversidade cultural e a compreensão mútua tecendo significados, unificando e enriquecendo os diversos aspectos da cultura, que, por sua vez, atuou como um importante veículo de comunicação, promovendo diálogos entre diferentes áreas culturais e desempenhando um papel significativo na formação da percepção que as pessoas tinham de si mesmas, dos outros e do mundo. Neste contexto, pode-se acentuar a influência e o impacto extraordinários que a revista *O Cruzeiro* teve na comunicação e na construção da identidade cultural no Brasil, destacando-se, ao longo das décadas, por sua capacidade única de capturar e

refletir as transformações sociais, políticas e culturais, servindo como um espelho da sociedade brasileira em constante evolução.

A presença das mulheres na mídia desempenha um papel fundamental na construção da percepção coletiva da sociedade e na formação de valores culturais. Os meios de comunicação, sejam eles televisivos, cinematográficos, impressos ou digitais, têm um papel crucial na representação das mulheres e na promoção de diferentes conceitos de feminilidade. No entanto, ao longo da história, essas representações têm sido frequentemente permeadas por estereótipos, idealizações e limitações que influenciam a maneira como as mulheres são percebidas e como percebem a si mesmas.

A construção da imagem feminina na revista *O Cruzeiro* pode ser claramente compreendida ao examinar como a mídia desempenhou um papel crucial na moldagem das subjetividades femininas na sociedade brasileira da época. Isso se traduziu em uma representação ativa e, muitas vezes, estereotipada das mulheres, contribuindo para moldar as expectativas em torno do que era considerado feminino na sociedade, influenciando o comportamento e as aspirações das mulheres da época. Essa construção da imagem feminina era um reflexo do contexto social da época, que, frequentemente, colocava as mulheres em papéis relacionados ao lar, à maternidade e à beleza. Além disso, a revista *O Cruzeiro* também estava inserida em um sistema capitalista, em que os interesses comerciais desempenhavam um papel importante.

A publicação frequentemente promovia produtos e estilos de vida que eram lucrativos para as empresas anunciadoras, moldando assim as representações das mulheres de acordo com as demandas do mercado. O foco da revista em mostrar mulheres bonitas não se alinhava com o movimento feminista da época, que buscava garantir direitos e oportunidades iguais para as mulheres em várias áreas, como local de trabalho, família e esfera política. Para tanto, a revista continha uma variedade de colunas e seções, que discorriam sobre diversificados tópicos, mas a maioria era dedicada a conteúdos sobre as mulheres, em seções intituladas como “Elegância e Beleza”, “Lar, Doce Lar”, “De Mulher para Mulher” e “Mundanismo”. Essa ênfase na representação feminina era evidenciada desde a capa da revista, que frequentemente destacava imagens de mulheres. Sua capa inaugural foi uma representação impactante da Cruz do Sul, uma constelação que é uma parte importante da bandeira nacional do Brasil, destacando a importância do símbolo nacional em sua identidade visual desde o início, visto pelos leitores como um gesto patriótico, ressaltando a conexão da publicação com a cultura e a identidade brasileira.

As singularidades da revista contribuíram substancialmente para o seu êxito e influência ao longo de várias décadas, de forma coesa e impactante, consolidando sua influência perdurável na sociedade e na cultura do país. Em relação ao aspecto estilístico da revista, percebe-se que a linguagem utilizada nas matérias relacionadas às mulheres revelou uma abordagem variada. Em alguns casos, o tom era respeitoso e elogioso, destacando as conquistas e habilidades femininas. Veja no exemplo a seguir que a frase “Elegante e econômica! Ela mesma costura as suas roupas!” descreve uma pessoa habilidosa que é capaz de confeccionar suas próprias roupas. Esta breve declaração enfatiza várias qualidades positivas. Primeiro, a palavra “elegante” sugere que essa pessoa possui um excelente senso de estilo e moda. Ela não apenas costura suas próprias roupas, mas o faz com um toque de elegância, criando um guarda-roupa que reflete seu gosto pessoal. Além disso, o termo “econômica” destaca sua habilidade de economizar dinheiro, optando por fazer suas próprias roupas em vez de comprá-las prontas. Isso demonstra responsabilidade financeira e a capacidade de administrar recursos de forma eficaz.

Figura 2 – Elegante e econômica



Fonte: Revista *O Cruzeiro*, edição 0041, de agosto de 1946, p. 79.

A frase “ela mesma costura as suas roupas!” ressalta sua independência na área de costura. Ela não depende de outras pessoas para criar suas roupas, o que destaca sua autonomia e habilidades práticas. Em um contexto de revista, essa afirmação pode ser usada para inspirar as leitoras a considerar a possibilidade de costurar suas próprias roupas. Ela promove a ideia de que a costura não só pode resultar em economia de dinheiro, mas também permite que cada indivíduo expresse sua criatividade e independência na moda. Portanto, essa frase não apenas elogia a habilidade da mulher em questão, mas também transmite uma mensagem mais ampla sobre autossuficiência e criatividade no mundo da moda.

No entanto, em outros momentos, a linguagem na revista tendia a ser paternalista, com ênfase nas características tradicionalmente associadas às mulheres, como

sensibilidade e emocionalidade. Veja o caso da propaganda a seguir, em que se usa uma linguagem que coloca a mulher como alguém que se “esgota” facilmente e que está “desesperada”, precisando de um suplemento. Nesse contexto, a frase sugere que uma mulher que é considerada “geniosa” (teimosa, irritável, difícil de lidar) pode estar causando infelicidade no lar. A ideia por trás da propaganda é que o remédio anunciado pode ajudar a aliviar os sintomas ou comportamentos associados à genialidade, tornando a mulher mais tranquila e, conseqüentemente, melhorando a harmonia do lar.

Figura 3 – Propaganda de Neuro Fosfato na revista *O Cruzeiro*



Fonte: Revista *O Cruzeiro*, edição 0040, de julho de 1946, p. 64.

É importante observar que esse tipo de abordagem de *marketing* era mais comum em décadas passadas e pode ser considerado insensível ou sexista nos dias de hoje, já que estigmatiza a personalidade de uma mulher e sugere que ela é a causa da infelicidade em casa. Isso indica uma tensão entre a promoção de valores tradicionais de gênero e a apreciação de conquistas femininas. O *design* de página, o uso de cores e a tipografia eram empregados de maneira a reforçar as representações de gênero. Por exemplo, páginas dedicadas à moda muitas vezes apresentavam elementos visuais que enfatizavam a feminilidade, enquanto matérias sobre mulheres no mercado de trabalho podiam adotar um estilo mais sóbrio e profissional.

A identidade não é algo fixo, mas sim construído por meio de discursos e representações culturais, que associada ao discurso é algo intrinsecamente ligado à ideologia e ao contexto social em que é produzido. A análise revela como o discurso sobre as mulheres estava influenciado pela ideologia de gênero predominante na época. O uso de linguagem paternalista e a ênfase em estereótipos tradicionais refletem a ideologia de gênero que permeava a sociedade, reforçando papéis de gênero preestabelecidos. Ao mesmo tempo, as partes da revista que adotavam um tom mais elogioso refletiam uma tentativa de contestar ou resistir a esses estereótipos. A revista, ao usar diferentes abordagens linguísticas e visuais em matérias sobre moda

e mulheres no mercado de trabalho, criava um diálogo interno que refletia as diferentes vozes e perspectivas presentes na sociedade em relação às mulheres.

Quanto ao contexto da análise em relação a forma composicional, pode-se observar que o posicionamento das representações femininas nas páginas da revista era uma estratégia editorial cuidadosamente planejada. A disposição das representações femininas refletia uma abordagem editorial que variava em diferentes edições. Em algumas delas, as imagens e reportagens sobre mulheres eram proeminentes, ganhando destaque nas páginas principais, enquanto em outras edições eram relegadas a seções específicas, muitas vezes relacionadas a tópicos considerados tradicionalmente femininos, como moda ou estilo de vida, sendo muitos os contextos em que a imagem e a identidade das mulheres foram referenciadas.

Considerações Finais

Este estudo concentrou-se na análise da construção da identidade feminina nas edições de 1946 na revista *O Cruzeiro*, utilizando como referência teórica os estudos dos gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin e os princípios da abordagem contemporânea de Stuart Hall, relacionados aos processos de construção da identidade cultural. Ao longo desta pesquisa, explorou-se a influência da linguagem na forma como a identidade feminina era construída e representada na revista, bem como sua relação com a cultura da época. Os estudos dos gêneros do discurso de Bakhtin permitiram identificar os padrões textuais e as convenções linguísticas específicas utilizadas na revista, fornecendo uma compreensão mais profunda de como a identidade feminina era moldada em diferentes contextos e seções da publicação. Além disso, a perspectiva de Stuart Hall contribuiu para analisar como a identidade feminina era construída em relação à cultura da época, reconhecendo que as identidades são multifacetadas e, muitas vezes, contraditórias, refletindo as mudanças sociais e culturais.

A análise do conteúdo temático do periódico, que em sua abordagem editorial, abarcava uma ampla gama de temas que eram relacionados às mulheres, englobando aspectos que iam desde moda e beleza até a vida doméstica, trabalho, maternidade e casamento. As narrativas e histórias presentes nas páginas apresentavam uma notável variação. É importante ressaltar que as representações do gênero feminino na revista não eram estáticas, variando de uma edição para outra e ao longo do tempo. Essa variação refletia as mudanças sociais e políticas que marcaram a época, evidenciando como a revista estava intimamente conectada às transformações em curso na sociedade brasileira. Por fim, a análise aprofundada nas páginas da revista, incluindo as imagens, abordagens editoriais permitem vislumbrar

um quadro complexo e dinâmico da construção da identidade feminina na sociedade brasileira, tanto reforçando estereótipos tradicionais quanto desafiando essas normas. Sua influência se estendia além das páginas impressas, moldando percepções e expectativas em constante evolução. Como uma importante voz da mídia da época, *O Cruzeiro* refletia as mudanças sociais e políticas em curso, servindo como um espelho das complexas dinâmicas de gênero da sociedade brasileira.

A análise das identidades femininas nas páginas de revistas antigas como objeto de luxo e escritas, predominantemente, por homens permitiu compreender como certas construções identitárias eram associadas às mulheres. Ao questionar essas construções, por meio de uma leitura crítica dos enunciados, percebeu-se que elas contribuíram para o processo de reconstrução discursiva das identidades femininas. Em suma, a revista *O Cruzeiro* se destacou como um poderoso reflexo da sociedade brasileira, moldando e refletindo as representações de gênero e a identidade cultural ao longo das décadas de sua existência. Seu estilo variado, forma composicional cuidadosamente planejada e conteúdo temático diversificado capturaram as complexidades das representações de gênero da época, desde a promoção de estereótipos tradicionais até a celebração de mulheres em papéis não convencionais. O legado da revista continua a influenciar a mídia e a cultura brasileira, servindo como lembrete da importância da análise crítica das representações de gênero na mídia e das constantes mudanças na constituição das identidades culturais femininas de uma sociedade em transformação.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRASIL, Bruno. *O Cruzeiro*. **BN Digital Brasil**. 2015. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- FLORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KLANOVICZ. Luciana Rosar Fornazari. **Vontades sobre corpos: homens e mulheres na revista o cruzeiro (1946-1955)**. Curitiba: Editora: CRV, 2017.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEMÓRIA BIBLIOTECA NACIONAL. *O Cruzeiro* : Revista (RJ) - 1928 a 1985. **BN Digital Brasil**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- SILVA, Heber de Oliveira Costa. **Tradução e dialogismo**: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. *O Cruzeiro* In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. v.II, p. 1727-1730.

V. Agradecimentos

O trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil, porém não houve investimento de recursos financeiros via bolsa de estudos, já que a pesquisa está inscrita como PIVIC.